



ESTUDOS LITERÁRIOS

ISSN: 1517-7238

Vol. 13 nº 25

2º Sem. 2012

p. 169-186

**O ESPAÇO METANARRATIVO EM
MANHÃ DO BRASIL DE LUIS ALBERTO
BRANDÃO**

**THE METANARRATIVE SPACE IN LUIS
ALBERTO BRANDÃO'S *MANHA DO
BRASIL***

Jacques Fux¹
Débora Salomão²

¹Doutor em Literatura Comparada - UFMG. Docteur en Langue, Littérature et Civilisation Françaises - Lille 3. Pós-doutorando - Unicamp. Visiting Scholar - Harvard University. Agradeço à Fapesp pelo bolsa de Pós-Doutorado.

²Graduanda em Licenciatura Inglês pela FALE UFMG. Intercambista Kings College London 2009/2010 - Brazilian and Portuguese Studies. Professora e tradutora de língua inglesa.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar o livro *Manhã do Brasil*, de Luis Alberto Brandão, e discutir pontos teóricos acerca do espaço literário, do autor, da metanarrativa e do perfil das personagens. A questão da metanarrativa se torna central neste artigo já que ao modificar o espaço onde o narrador se insere, Brandão possibilita a discussão de aspectos formais de autorreferência, do acordo literário entre autor-leitor e questões icônicas da literatura nacional.

PALAVRAS-CHAVE: *Manhã do Brasil*; espaço; metanarrativa.

ABSTRACT: This paper presents the book *Manhã do Brasil* by Luis Alberto Brandão and discuss the theoretical points of the literary space, the author and the metanarrative. The issue concerning metanarrative becomes outstanding, since the author uses the space where the narrator is to discuss formal aspects of self-reference, *suspension of disbelief* and iconic issues of national literature.

KEY WORDS: *Manhã do Brasil*; space; metanarrative.

1 INTRODUÇÃO

O livro *Manhã do Brasil* foi escolhido como objeto deste artigo por incitar análises acerca do leitor, da narração, dos espaços e da trama e, concomitantemente, apresentar uma narrativa de fácil leitura. Uma das leituras possíveis desse texto é simples e encantadora, entretanto, quanto maior o conhecimento literário do leitor, maior a possibilidade de entrar na obra discutindo elementos bem profundos da crítica literária. Como escreveu João Gilberto Noll: “a sensação de que (o livro) foi feito para qualquer idade. É como se crianças, jovens, velhos e maduros se sentissem na mesma clave que a todos iguala” (NOLL *apud* BRANDÃO, 2008). Em *Manhã do Brasil*, pode-se explorar a questão da narrativa e do autor/narrador através da apreciação da metanarrativa, recurso autorreferencial que levanta diversas questões acerca da própria literatura.

2 O ESPAÇO EM *MANHÃ DO BRASIL*

Assim como escreve Guiomar de Grammont na

apresentação do livro, *Manhã do Brasil* é uma prosa poética em que a expectativa e o desenrolar de um encontro amoroso é descrita em 75 quadros. Aqui Brandão retoma e aprofunda o recurso visual e distinto do quadro presente também em “Fotos” do livro *Tablados*. “Fotos” relata a vida de uma personagem através de suas fotos, apresentando somente as notas de cada quadro; talvez um recurso especular ao encontrado em *Manhã do Brasil*, já que neste último há de fato a representação, através da “autonomia das palavras”, do próprio quadro. A linguagem lírica usada na narração da estória, na descrição do cenário e dos personagens, aproxima o texto de uma música que embala o leitor no jogo de sedução dos protagonistas. O leitor é envolvido na trama passando a ser coautor, narrador e personagem. O enredo é simples, mas costurado de tal forma que mostra um Brasil estilizado em tempos passados, palco de um encontro que se desenvolve em direção ao clímax e cujo desfecho é reservado à imaginação do leitor. Metáforas relacionadas ao amanhecer do dia e à noite, narração de cenas baseadas na suposição e na não finalização dos acontecimentos permeiam toda a narrativa. Além disso, o livro estimula a discussão da posição que o autor se coloca. *Manhã do Brasil* é uma *metaleitura* da função do espaço literário e da obra de arte.

Segundo Brandão, a linguagem é espacial uma vez que é formada de signos que conotam materialidade. A palavra é uma revelação sensível, que se concretiza ao afetar os sentidos humanos. Portanto, justifica-se utilizar-se da visualidade, da sonoridade, da dimensão tátil do signo verbal (BRANDÃO, 2007). Já na dedicatória do livro, o autor anuncia o flerte entre a forma literária e musical no texto. Brandão sugere que a leitura seja feita acompanhada da versão instrumental de *Manhã de Carnaval*, do músico Luis Bonfá. A musicalidade parece permitir ao leitor apreender aquilo que escapa às palavras. Recursos sinestésicos estão inseridos na linguagem do autor. A escolha de palavras aprazíveis alia-se a estruturas descritivas que imprimem musicalidade e movimento às cenas. O amanhecer do dia, o despertar e o descolamento seguem um compasso; o

cheiro ganha forma e a forma se distingue e se mistura ao ambiente. Instrumentos musicais e a sonoridade são metáforas para a figura e o estado de espírito dos personagens. As seguintes passagens ilustram o lirismo do texto e a descrição do espaço nessas representações:

Na cadência inaugural do dia o moreno se insere com perfeição, como se seu corpo fosse puro ritmo. Em saltos curtos começa a descer a escada do sobrado. O sabonete do banho recém-tomado deixa um rastro quase visível, quase um desenho do volume que passa. [...] O moreno é um sólido sem peso, concretude que evapora, feixe de músculos ventilado a cada gesto. Ele se projeta sobre o espaço, matéria elástica que o acolhe, se abre a sua passagem. O espaço abraça-o sem reter seu impulso (BRANDÃO, 2010, p.19).

A morena é um instrumento de cordas que se afrouxam, esgotadas (BRANDÃO, 2010, p.21).

Nos ouvidos da morena esses sons compõem misturas de ritmos e melodias, valsas e batucam, se estendem e se elevam, confessam e inventam segredos. Desalentam e animam (BRANDÃO, 2010, p.49).

A poesia é um universo poderoso de expressões que se relacionam de forma a criar cenas impactantes e únicas através de artifícios sonoros e visuais. O discurso em estado bruto refere-se à realidade das coisas. E ao narrar, ensinar e descrever colocamo-nos na própria presença delas. Sendo a linguagem do pensamento, por excelência, a linguagem poética, a representação de ideias e sentidos deve ser a preocupação do poeta. Escrever é se valer de palavras usuais com maestria, de uma memória mais rica e de um entendimento mais harmonioso de recursos musicais. Comparando a escrita a uma escultura (ou a um quadro), escrever é ser capaz de enxergar além das flutuações da aparência ou do movimento da perspectiva. Importante ressaltar que a dualidade de forma e conteúdo, da palavra e da ideia provoca uma discordância essencial na realização da arte enquanto algo a ser apreendido e qualificado,

recurso utilizado constantemente em Brandão (BLANCHOT, 1987).

Em relação à estrutura do texto, o narrador aparece muitas vezes na primeira pessoa do plural, intimando o leitor a fazer parte da estória. Segundo Brandão, há que se considerar que há operações na experiência de leitura de natureza espacial. Em grande parte da literatura moderna pode-se perceber que a noção de obra dá lugar à de obra-em-processo. Assim, a espacialidade da obra se revela na ausência de homogeneidade e rigidez, pois os sentidos, criados a partir da leitura fluida e variável, se apresentam de diversos modos e em constante deslocamento (BRANDÃO, 2007). O leitor transporta-se da função de ouvinte para a de narrador, incorporando o papel de personagem e coparticipando do trabalho de autor como pode ser notado pela sequência de extratos:

[...] entramos e saímos dos espaços, nos infiltramos sob o telhado, atravessamos paredes, percorremos vãos, ora nos detendo em minúcias, ora compondo uma imagem geral com a soma de vários ângulos de observação (BRANDÃO, 2010, p.33).

Assim, ao acompanharmos seu encontro também participamos dele. [...] Passamos a compartilhar de promessas que se cumprem e se renovam (BRANDÃO, 2010, p. 35).

Os espaços abertos convidam ao deslocamento. [...] onde os nossos pontos de referencia somos nós que inventamos (BRANDÃO, 2010, p. 89).

Do tapete voador podemos decidir o que ver. Com olhos livres escolhemos as imagens. Preferimos cenas inspiradoras, que fazem crer que nosso jeito de olhar é generoso. Conflitos e desajustes são deixados em segundo plano porque não aceitamos que sejam profundos (BRANDÃO, 2010, p. 91).

Porém, sem o movimento do moreno e da morena, nossos movimentos é que ficam em destaque. E como se passássemos à posição de personagens.entramos na historia (BRANDÃO, 2010, p.115).

Eles não podem se mover sem nosso consentimento. Estamos muito próximos. E a proximidade é tentadora (BRANDÃO, 2010, p. 117).

Nossas mãos enfim se juntam às deles. A força do gesto é tão brutal que parece anunciar uma revelação (BRANDÃO, 2010, p.129).

Tem o mesmo ritmo do sangue que circula em nós. Nossas mãos formam uma única esfera, um núcleo em que dedos, palmas, dorsos, punhos não se separam. Estamos fundidos na morena e no moreno (BRANDÃO, 2010, p. 133).

Entendemos perplexos que, se nos tornamos a morena e o moreno, estamos imobilizados neste lance de escada, retendo a manhã. Mãos dadas, mas nenhum outro gesto. Vivos, mas sem que a vida possa se manifestar (BRANDÃO, 2010, p. 137).

Se éramos o narrador e agora somos personagens, ainda há uma história? (BRANDÃO, 2010, p.149).

Aquilo que se vê fascina e o olhar não cessa uma vez que o que passa a existir é o nosso próprio olhar no espelho. Quando a fascinação se dá, aquele que vê não o vê propriamente dito, mas o afeta numa proximidade imediata, prende-o e monopoliza-o. Além disso, a obra de arte torna-se *real*³ a partir do momento que se consolida na intimidade aberta de quem a escreveu e de quem a leu, no espaço veementemente revelado pelo poder mútuo de dizer e de ouvir. Aquele que escreve está na mesma posição de quem ouve, pois ambos ingressaram em um entendimento capaz de sustentar o que foi falado. Autor e leitor são únicos, só tendo existência pela obra e a partir dela. O autor não é o escritor de vários poemas assim como o leitor

³Assim como escreveu Jacques Lacan no Seminário 23: “Quando se escreve, pode-se bem tocar no real, mas não no verdadeiro” (LACAN apud RINALDI, 2006, p.76). E também no Seminário 21: “O real só se franqueia pelo escrito” (LACAN apud RINALDI, 2006, p. 77).

não é o destinatário de algo já dito. A cada leitura, ambos transformam o poema em algo incipiente, original, resultado de ato comunicativo singular. Deve-se considerar que o diálogo do leitor com a obra se baseia no contínuo trabalho de “elevá-la” à verdade e transformá-la em valores úteis. Fato este que, conjugado com os valores estéticos impressos pelo autor, possibilitam a comunicação, o deslumbramento (BLANCHOT, 1987).

A linguagem lírica e envolvente de *Manhã do Brasil* e a inserção do leitor no espaço literário do texto são táticas que se desenvolvem em um enredo simples. Apesar de a trama ser livre de suspenses exagerados ou mesmo um *dénouement* surpreendente, a sequência da narrativa atinge o clímax, que é justamente o ponto em que o leitor é chamado a participar decisivamente na estória. O livro narra o encontro de jovens anônimos no alvorecer do dia. O rapaz está prestes a sair enquanto a moça está chegando ao sobrado onde moram. O leitor acompanha os passos de ambos e o momento em que o cumprimento de mão entre eles ocorre num lance de escada da casa. O universo individual dos personagens é descrito sutilmente, havendo maior ênfase na possibilidade e na realização do encontro. O autor utiliza a expressão *enquanto isso* para aproximar a realidade de cada protagonista do leitor. O mote do enredo é a transferência dos sentimentos do casal para o leitor, o qual é sujeito e predicado das ações dos personagens quando a narrativa atinge seu clímax, assim como nos trechos abaixo:

A expressão *enquanto isso* alterna imagens diante de nossos olhos. Com essas duas palavras vamos de um ponto a outro, da orla ao subúrbio, do bonde ao quarto, da morena ao moreno, e em seguida fazemos o percurso inverso. [...] Por meio do *enquanto isso*, o que separa tem poder de unir. O espaço salta livremente sobre o tempo (BRANDÃO, 2010, p. 81).

Constatamos que não somos capazes de manter a morena e o moreno quietos. Não temos controle sobre o que se passa em

sua historia. Não mais somos nós que narramos (BRANDÃO, 2010, p.161).

Gostaríamos muito de testemunhar o que vai acontecer, de continuar narrando as cenas que ele viverão. Ficamos tentados a não obedecer a sua vontade (BRANDÃO, 2010, p.167).

Apenas podemos desejar que sua história conte algo sobre nós, que não estaremos presentes. Que fale por nos, já que nossa fala terá cessado. Há sempre um momento em que temos de nos afastar de quem amamos. Há sempre um momento em que a historia ultrapassa quem a conta (BRANDÃO, 2010, p.173).

Em seu artigo acerca do espaço e do tempo, Georg Otte, analisando a obra benjaminiana, postula que a espacialização do tempo não se limita a considerações sobre a história, pois perpassa a obra enquanto repertório metafórico e envolve sua própria escrita. O texto de Walter Benjamin é um mosaico que se desvia da unidimensionalidade da progressão textual, promovendo a constante relação entre suas partes. Para Benjamin, cada acontecimento histórico apresentado dialeticamente se polariza criando um campo de forças onde há o confronto entre passado e futuro (OTTE, 2007). Em *Manhã do Brasil*, Brandão narra o encontro de forma diacrônica, dando importância a cada momento do passado, presente e futuro.

Interessante analisar a “simplicidade” do enredo à luz da relação entre arte e vida. A arte não reproduz as coisas do mundo, não imita o “real”. A arte se realiza com o afastamento gradual pelo artista daquilo que no mundo comum é utilizável, imitável e interessante à vida ativa. O artista é aquele que vê o objeto tal como ele poderia ser se estivesse fora de uso, fazendo dele a convergência da exigência da obra e atenuando as noções de valor e utilidade em prol de algo além. O que conta é a solidão essencial e o fascínio que a obra de arte provoca. O que ocorre é um movimento da arte para o que parece serem as aparências neutralizadas do mundo (BLANCHOT, 1987). Assim Brandão escolheu um tema ordinário, o encontro banal de um homem e uma mulher no ambiente cotidiano (o moreno e a

morena), para através da linguagem incitar a experiência artística no leitor.

A crítica literária da linguagem, da estrutura textual e da função do leitor em *Manhã do Brasil* diz muito como o espaço literário é trabalhado por Brandão. Algumas metáforas são bastante pertinentes neste sentido. O amanhecer do dia coincide com o início da narrativa. O amanhecer tem a conotação de começo e está ligado ao acordar. O amanhecer do dia acontece lentamente com a mudança gradual da luminosidade do sol. Da mesma forma, é a precisão do autor quanto ao ato de escrever. O autor, ao iniciar o texto com a alvorada, pretende despertar o leitor para a experiência dos vários encontros que o livro proporciona. Encontro entre os personagens, encontro do escritor com o leitor e deste com os protagonistas e consigo mesmo. E o que precede o amanhecer é a noite, período em que a morena se dedica a um trabalho sombrio e o moreno delira em sonhos. De acordo com Blanchot, a obra convida quem se aproveita do momento quando ela ainda está sob a prova da impossibilidade. Esta seria a experiência noturna, repleta de silêncio, ausência, repouso, ameaça. É este momento potencial que torna a obra mais pujante quanto menos manifesta. O começo pretende dar à estória uma iniciativa, um ponto de partida. No entanto, a obra é anterior a todo começo e já está sempre terminada. A essência da obra se faz dia, vive e volta a fechar-se em si mesma (BLANCHOT, 1987). Brandão faz várias referências ao dia e a noite, ao começo e ao que antecede a ele:

E possível saber em que instante começa? O comecinho mesmo, o momento inaugural? Ainda é noite fechada. Nenhum sinal, ameaça nenhuma. (...) Não conseguimos, assim demarcar o princípio da manhã, o momento exato em que nossa história deve começar. Parece que no crepúsculo o tempo suspende a si (BRANDÃO, 2010, p. 11).

Com essa luz começa nossa história. E é também essa luz que invocamos para nossas palavras (BRANDÃO, 2010, p.17).

A felicidade é o fluxo, de início e fim difíceis de demarcar, em

que os sonhos se realizam e se tornam outros sonhos, promessas se cumprem e se abrem a novas promessas. Semelhante à manha, é impossível saber em que instante começa um sorriso. Quando começa, é como se já tivesse começado há muito. E é como se começasse de novo a cada instante (BRANDÃO, 2010, p. 175).

Assim podemos encontrar nas passagens de *Manhã do Brasil* algumas relações e discussões com os espaços. Iuri Lotman (1978), em sua formulação sobre a estrutura do texto artístico, coloca grande ênfase na função modelizante do espaço e da representação espacial no texto artístico. O espaço seria, dentro deste modelo teórico, condição de possibilidade da ocorrência de um acontecimento no texto literário, o encontro entre moreno e morena:

O acontecimento no texto é o deslocamento da personagem através da fronteira do campo semântico. [...] Mas na medida em que, ao lado de uma disposição semântica geral do texto, há lugar também para disposições locais, de que cada um tem a sua fronteira conceptual, o acontecimento pode ser realizado como uma hierarquia de acontecimentos de planos mais particulares, como uma cadeia de acontecimentos, isto é, como uma trama (LOTMAN, 1978, p. 379).

Nessa proposta de Lotman o acontecimento caracteriza o texto literário. Faz-se necessário um movimento de transgressão das fronteiras dos campos semânticos dispostos no texto literário para ocasionar a emergência do acontecimento. Brandão, portanto discute constantemente a questão do espaço proposto por Blanchot e Lotman.

De acordo com Brandão pode-se definir (ou classificar) quatro formas de se tratar o espaço na literatura: representação do espaço, espaço como forma de estruturação textual, espaço como focalização, espaço da linguagem. Embora tais abordagens não esgotem as possibilidades deste tema, elas constituem as tendências genéricas mais importantes (BRANDÃO, 2007). Analisando a estruturação textual de manha do Brasil é significativo atentar-se ao que Joseph Frank afirma sobre a

suspensão da natureza temporal linear da linguagem verbal:

A forma estética na poesia moderna baseia-se, pois, numa lógica espacial que requer a completa reorientação na atitude do leitor com relação à linguagem. Já que a referência primeira de qualquer grupo de palavras é a algo interno ao próprio poema, a linguagem na poesia moderna é realmente reflexiva. A relação do sentido é completada somente pela percepção simultânea, no espaço, de grupos de palavras que não possuem nenhuma relação compreensível entre si quando lidos consecutivamente no tempo (FRANK, 1991, p.209).

Brandão define o espaço como sinônimo de simultaneidade, por meio da qual se alcança a totalidade da obra. O desdobramento lugar/espaço ao mesmo tempo em que pode ser delimitado e constituir partes autônomas que se articulam entre si, podem ser mais um elemento que participa de um conjunto caracterizado pela interação de todas as partes. É esta mútua interação entre as partes que lhes confere unidade, a qual só pode ocorrer em um espaço absoluto e abstrato, que é o espaço da obra (BRANDÃO, 2007).

3 O AUTOR

Passando à questão do autor, Brandão discute as posições que o autor se coloca em diversos momentos. Diante do texto, o autor e a escrita se alteram mutuamente através de uma *metaprosa*. Frente às personagens, o autor conduz suas atitudes e movimentos relacionando-os às emoções. O autor desperta impulsos e fantasias no moreno e na morena, os quais parecem se tornar conscientes de um desejo latente. Neste processo, há o estabelecimento de uma transferência, na qual os personagens conferem ao autor o poder de orientar-lhes quanto a sentimentos e atitudes.

Recorrendo à teoria, a abordagem objetiva da literatura se interessa pela obra, a abordagem expressiva pelo artista, a abordagem mimética pelo mundo; e a abordagem pragmática

pelo público. De acordo com Antoine Compagnon (2010), tanto as palavras quanto as intenções do autor não são a chave da significação de uma obra. Na verdade, não há interpretação satisfatória que se limite a procura de sentido por meio de um vertente única. Trata-se de sair da falsa alternativa: texto ou autor, já que nenhum método exclusivo é suficiente (COMPAGNON, 2010).

Como foi analisado no início do texto, o leitor não é apenas o destinatário da estória de *Manhã de Brasil*, mas também autor e personagem. E o que seria o autor se não o primeiro leitor de sua obra? Desta forma, as características e o papel de leitor também podem ser atribuídos ao escritor, que em última instância escreve em um processo de autoanálise, sendo analista (escritor) e paciente (personagem => leitor => escritor).

Primeiramente o autor cede lugar ao texto tornando-se um "sujeito" na acepção gramatical ou linguística; é o sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação, mas se produz concomitante a ela. Já o leitor é o lugar onde o texto se produz. No entanto, esse leitor é tampouco mais "pessoal" do que o autor destituído pelo processo de escrita. O leitor adquire a função de manter reunidos, em um único palco, todos os componentes de que é constituída a escrita. Fato é que a morte do autor causa a polissemia do texto, a ascensão do leitor e a liberdade de interpretação (COMPAGNON, 2010). Assim, não é sensato matar o autor e substituí-lo pelo leitor. O que Brandão propõe em *Manhã do Brasil* é uma constante alteração de papéis, sendo esta alternância a responsável pela significação do texto.

Um texto é feito de sentido e significação. O sentido (o que texto quer dizer) é singular enquanto a significação (o sentido do texto em relação a uma situação) é variável, aberta e até mesmo infinita. Ao ler um texto, conecta-se seu sentido à experiência particular, dando-lhe valor fora de seu contexto original (COMPAGNON, 2010). Durante a leitura, a expectativa do leitor é função de seu repertório cultural e os acontecimentos imprevistos que são encontrados na narrativa forçam-no a reformular essas expectativas e reinterpretar tudo aquilo que já foi lido. A leitura se dá em duas direções ao mesmo tempo,

para frente e para trás, e se baseia em um critério de coerência que garante uma significação relevante da experiência (COMPAGNON, 2010). Brandão dá movimento às personagens, expõe seus sentimentos, atualiza seu passado. Ao mesmo tempo em que cria o sentido do texto, ao lê-lo questiona-o e imprime-lhe significação, retornando à escrita.

Acredita-se que o texto é mecanismo potencial a partir do qual o leitor constrói algo coerente e consistente. Segundo Iser (1996), a obra literária tem dois pólos: o artístico (o texto do autor) e o estético (a realização efetuada pelo leitor). Desta forma, ela tem um caráter virtual, uma vez que não pode restringir-se nem à realidade do texto nem à subjetividade do leitor. O leitor percorre diferentes pontos de vista oferecidos pelo texto e acessa suas diferentes percepções e esquemas interpretativos, colocando a obra em movimento e se colocando ele próprio em movimento (ISER, 1996).

Ingarden acrescenta que o sentido deve ser o resultado de uma influência mútua entre os códigos textuais e os atos de apreensão do leitor. O estímulo desta atividade no leitor fará com que ele gere condições necessárias à eficácia do texto. A escrita e o leitor se fundem numa única situação, o que desconfigura a divisão entre sujeito e objeto. O sentido deixa de ser um elemento a ser definido e passar a ser um efeito a ser experimentado (INGARDEN *apud* COMPAGNON, 2010).

4 MORENO E MORENA

Após discorrermos sobre o espaço literário, a função do autor e a posição do leitor em *Manhã do Brasil*, ponderamos sobre a questão das personagens. A seguir analisamos o perfil dos agentes desta estória. De acordo com Regina Dalcastagnè (2008), a literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. Um bom exemplo é a participação da população negra nos espaços de poder e produção do discurso. A invisibilidade dos negros e os

estereótipos a eles associados são o reflexo do racismo estrutural no Brasil. A personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca, já que 7,9% é negra e 6,1% mestiça (DALCASTAGNÈ, 2008).

Faz-se importante observar as estratégias dos autores que se propõem a incluir personagens de cor através da apropriação de gêneros e estilos literários já consagrados (e brancos) fazendo com que eles se dobrem aos seus interesses. Quando os negros são representados, costumam ocupar posição secundária no texto - não são protagonistas ou narradores -, e papéis subalternos estereotipados bandido, prostituta, doméstica. Na análise das exceções pode-se encontrar ainda hoje a reprodução acrítica por meio do aproveitamento de clichês ou, na contramão da legitimação do preconceito racial, a apropriação crítica dos discursos racistas (DALCASTAGNÈ, 2008).

As citações acima nos fazem pensar na escolha das personagens mulatas para *Manhã do Brasil*. O moreno e a morena não têm nome, mas são os protagonistas da trama. Seria esta uma forma de realocar tipos marginais da sociedade? A ausência de nomes próprios possibilita a associação a inúmeras personagens da vida real que vivem nos subúrbios, que trabalham durante a noite, que acordam ao amanhecer do dia, que vagam pela cidade. Este seria um subterfúgio de declarar a existência de anônimos.

Fazendo um breve histórico dos estereótipos do negro na literatura brasileira, temos o escravo nobre, como em *A escrava Isaura* (1872) e o escravo demônio, encontrado em *As vítimas-algozes* (1873); o negro erotizado de *O cortiço* (1890) e das obras de Jorge Amado, o negro malandro representado por *Macunáima* (1928); o negro agente cultural presente em *Orfeu negro* (1954) (FILHO, 2004). Pode-se concluir que Brandão utilizou o clichê da mulata sensual, do negro erotizado e produtor musical para compor suas personagens. A descrição do casal, a iminência do encontro amoroso/sexual, a musicalidade da narrativa, as cenas sinestésicas ativam, mesmo que sutilmente, os ícones clássicos da literatura brasileira na memória do leitor.

Ao mesmo tempo, o mulato e a mulata de Brandão não têm grandes ambições. Sua função é simplesmente existir, ser instrumentos para a imaginação de quem os conhece.

De acordo com Germano (2009), os autores contemporâneos evocam a distopia, seja através da descrição da cidade como caótica, seja pelo resgate nostálgico da memória e do sonho. Há um cenário de perda das certezas, de presentificação do tempo, de questionamento das possibilidades da narrativa. Além disso, os romances atuais revelam a dificuldade de representação da vida urbana numa época de intenso mal estar espacial devido a diversidade cultural, tensão e incomunicabilidade. Muitos textos incluem elementos e procedimentos tais como o foco em personagens andarilhos, sem compromisso e sem destino; a onipresença dos não-lugares e os espaços degradados; a aceleração do passo do *flâneur*, as relações conflituosas e alteridade, num espaço físico e marginal, migrante, estrangeiro (GERMANO, 2009).

Em *Manhã do Brasil*, temos a impressão de um espaço urbano, já que as personagens não se conhecem, não estabelecem uma comunicação fluida e fácil, ocupam lugares amorfos, os quais podem ser qualquer ruela ou casebre perdido em um mundo de asfalto. É muito fácil nos transportar, por exemplo, para o subúrbio do Rio de Janeiro nos anos de 1930 ao lermos este romance. E ter esta lembrança nostálgica nos faz refletir sobre o centro urbano de hoje. O mulato pode ser interpretado como um *flâneur*, um explorador urbano que se delicia em entorpecentes, que foge da realidade, que é carente. Além disso, a alteridade está bastante presente no texto. De alguma forma o moreno não existe sem a morena, sem ela sua presença não faria sentido. A falta de um é a razão da existência do outro, a eterna busca pelo encontro, pela completude. No decorrer da narrativa, o leitor também é convidado a se colocar no lugar do moreno e da morena, a atuar ora como sujeito pensante, ora como objeto pensado.

Outro ponto que Germano (2009) desenvolve é o da construção de personagens e sua relação com os espaços urbanos em um processo de subjetivação. O andarilho sem rumo, sem

compromisso, sem referências fixas é uma alegoria da desterritorialidade do sujeito contemporâneo. Os protagonistas migram de um lugar para outro, seu destino se fazendo na travessia de cenários e figuras humanas voláteis, ao sabor do acaso e das sensações. Ilusões e pouca bagagem são metáforas da perda de utopias que modernidade alimentou. O cenário de ruas, movimento contínuo de corpos e automóveis, do ruído, dos espaços fluidos e solitários, da vida urbana moribunda, visível e invisível traz a tona significações de um sujeito que sofre. Alguns textos ficcionais fazem com o que leitor abra mão de sua passividade diante não só do que está escrito, mas também da própria vida. A ficção se descola da pura imaginação e da mimese da realidade ocupando um entre - lugar que potencializa sutilmente a autorreflexão do leitor (GERMANO, 2009).

Seriam o moreno e a morena estereótipos do distanciamento físico da era digital? Representantes não apenas dos negros, mas das minorias? e aqui pode-se falar em homossexuais, desempregados, pessoas com baixo nível de escolaridade, imigrantes do nordeste brasileiro ou da Bolívia. Não sabemos a profissão, a história familiar, os sonhos, as ambições dos nossos protagonistas. Seria preciso sabê-lo? Sabemos apenas que estão sozinhos, que são pessoas ocupadas e pré-ocupadas sofrendo a liquidez da vida urbana.

5 CONCLUSÃO

Seja pelo título, pela musicalidade ou pela escolha das personagens *Manhã do Brasil* é um exemplar significativo da literatura brasileira contemporânea. A estratégia da metanarrativa é capaz de envolver o leitor ingênuo a procura de entretenimento e o intelectual em busca de reflexões e análises discursivas. Lembrando que os estereótipos que as personagens afirmam ou negam são artifícios para a crítica social em um tempo que a realidade urbana se mostra incapaz de alterar padrões de comportamento.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Tablados: livro de livros*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. In: *Aletria*. Belo Horizonte, 2007, v.15, p.206-220.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Chuva de Letras*. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Manhã do Brasil*. São Paulo: Editora Scipione, 2010.

BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In: BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 121-126.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da Teoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n.31, janeiro-julho de 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewArticle/2021>>. Acesso em: 12 set. 2012.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: *Estudo Avançados*, São Paulo, vol 18, n.50, janeiro-abril. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100017%20&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 12 set. 2012.

FRANK, Joseph. *The idea of spatial form*. New Brunswick, Londres:

Rutgers University Press, 1991.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GERMANO, Idilva Maria Pires. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. In: *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, v.9 n.2, setembro de 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812009000200011&script=sci_arttext&lng=en>. Acesso em: 12 set. 2012.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1996.

LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978.

OTTE, George. Uma pequena história do espaço (e do tempo). In: *Aletria*. Belo Horizonte, 2007, v.15, p.230-244.

RINALDI, Doris. "Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise". IN: *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XIX, Número 188, Dezembro 2006. p.74-81.